O Teatro São Carlos: uma leitura sobre a trajetória do primeiro teatro de Campinas

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO SUBÁREA: MUSICOLOGIA E ESTÉTICA MUSICAL

> Mariana de Oliveira Candido Universidade Estadual de Campinas – marianacandido2009@hotmail.com

> > Lenita Waldige Mendes Nogueira Universidade Estadual de Campinas – lwmn@iar.unicamp.br

Resumo: O Teatro São Carlos, na cidade de Campinas, foi inaugurado em 1850 e constituiu-se como importante espaço musical. Possuiu em sua trajetória momentos de decadência e de adaptações às mudanças no contexto da cultura urbana, mas foi também fundamental para a educação cultural de seu público. De forma resumida, esse texto busca expor as relações positivas e negativas entre o teatro e a sociedade, através de excertos documentais e da literatura. O artigo é parte de uma pesquisa de mestrado em Musicologia Histórica.

Palavras-chave: Teatro. Campinas. Cultura. Música.

The Teatro São Carlos: A Reading on the Trajectory of Campinas's First Theater

Abstract: The Teatro São Carlos, in the city of Campinas, opened in 1850 and constituted an important musical space. In its trajectory, it had moments of decadence and adaptations to the changes in the urban culture context, but it was also fundamental to the cultural education of its audience. In a brief way, this text aims to show the positive and negative relations between the theater and the society, through some documental excerpts and literature. The article is part of a master degree research in Historical Musicology.

Keywords: Theater. Campinas. Culture. Music.

A história dos hábitos culturais e musicais no período oitocentista brasileiro em muito se relaciona à história de um de seus espaços de maior consagração – o teatro. A ascensão da elite burguesa e urbana a um lugar dominante em sua sociedade, no contexto do aceleramento econômico marcadamente observado no oeste paulista, trouxe consigo a emergência e a cristalização de uma cultura distintiva e própria.

Nesses tempos, como centro urbano no qual se manifestaram tais características, a cidade de Campinas possuiu também uma casa teatral. Expor, pois, sua trajetória, inscrever sua história junto a seu entorno cultural e social e identificar os impactos de sua existência naquela sociedade, são os objetivos deste texto, através de recursos documentais da imprensa campineira e de estudos históricos. Perpassa as interpretações aqui atribuídas às fontes um olhar que deve privilegiar a análise dos discursos sobre o teatro segundo a marcada presença dos valores políticos e culturais daquele momento, resumidos em ideais de civilidade e

adiantamento intelectual e artístico. A reconhecida centralidade da cultura, cuja inclusão de seus impactantes aspectos alcançou também os estudos sociológicos e históricos, faz-se sentir na abordagem do tema escolhido, observando o objeto em questão segundo uma construção de sentidos e atribuições simbólicas nascidas e cultivadas em mentalidades sociais definidas.

Compreendeu a segunda metade do século XIX um período de desenvolvimento para essa cidade paulista, no contexto nacional de mudanças econômicas, sociais e políticas. Inserindo-se em um processo de evolução urbana, movida pelo capital acumulado advindo da produção cafeeira, Campinas estabelecia também seu processo de modernização, cuja representação maior deu-se pela construção do Teatro São Carlos (LAPA, 2008: 20).

Junto ao desenvolvimento citadino, atrelou-se o surgimento de crescentes atividades de ordem cultural, entre as quais destacavam-se, por maior representatividade e reconhecimento social, as da cultura elitista. Da necessidade de materialização e representação dessa cultura, por conseguinte, edificou-se um teatro no seio da cidade. Inaugurado em 1850, por iniciativa de uma associação particular baseada em ações, o primeiro teatro campineiro ocuparia posição de destaque para acontecimentos políticos, eventos artísticos e de divertimento.

Erguendo-se, assim, como espaço central da vida cultural da alta sociedade campineira, o São Carlos constituiu-se como mediador entre espectadores, artistas e obras artísticas, fossem musicais ou dramáticas. No contexto do crescimento da agitação cultural na cidade durante a década de 1870, cujos eventos tiveram no palco do teatro um lugar privilegiado, observou-se também importante processo de formação e educação do público. De inquieto e indiscreto comportamento passou-se à adoção de novas posturas, como destaca Nogueira: "Esse estado de movimentação constante, conversas, falta de asseio e decoro dentro do teatro foi-se modificando com o tempo, resultando tanto da ampliação do conforto e, principalmente, com um novo posicionamento do público perante a obra de arte." (2001: 53)

Estabeleceu-se uma relação intrínseca e recíproca entre o espaço teatral e seus frequentadores, na qual ambos atuaram para a transformação mútua. Ao passo que a plateia era educada pelas exigências das circunstâncias do acontecimento artístico ao palco à sua frente, metamorfoseando-se, crescentemente, em uma configuração de público, as dependências do teatro, a princípio sem atrativos e conforto, modificavam-se em direção ao melhor acolhimento e satisfação de sua assistência.

Para além de uma lógica interna de hábitos e procedimentos, deve-se lembrar que as influências do teatro atingiam também a espacialidade urbana, interferindo na ordem da

movimentação pública em seu entorno e no transporte de pessoas, por exemplo (NOGUEIRA, 2001: 54-5). Dessa forma, pode-se dizer que o teatro inscreveu-se em uma relação de ações modificadoras concomitantes também com o meio urbano. De fato, em seu interior ou no espaço da cidade, o teatro instaurava-se, ora como receptáculo, ora como agente transformador de costumes e práticas sociais, padrões de comportamento e da regulação do espaço coletivo.

Como cenário para a exibição da arte da música, é possível dizer que a história do Teatro São Carlos, em grande parte, dialogou também com a história das práticas musicais e do respectivo universo artístico de seu tempo. Reunindo músicos locais em sua orquestra permanente, ou recebendo concertistas e companhias de ópera, operetas, revistas e zarzuelas, essa casa de divertimentos acompanhou, em sua trajetória, as fases e tendências dos referidos gêneros ao longo das décadas. Por outro lado é necessário lembrar que, como empresa teatral, influiu também com suas condições físicas, financeiras e estatutárias nas características da vida cultural da cidade.

É propriamente ao redor das condições físicas do São Carlos que circulam as principais questões que problematizaram quase todo o período de existência do primeiro teatro campineiro. Se dos tempos iniciais até fins de 1870 observam-se crescentes melhoramentos em prol da acomodação mais adequada de um público cada vez mais exigente nos assuntos culturais, registram-se na década seguinte os primeiros apontamentos de deficiências estruturais do prédio. Nesses anos, surgem também os primeiros ensaios da sociedade local em busca de um novo teatro.

Reformas, ampliações e embelezamentos tornaram-se quase uma constante frente à insatisfação generalizada que marcavam os discursos na imprensa. A desvalorização do teatro tornava-se maior e, por conseguinte, o empobrecimento da própria vida cultural da cidade. Em 1898, em um artigo publicado no Diário de Campinas lia-se:

Se, muitas vezes, vemos o teatro vazio quando aqui trabalham companhias, não se explica o fato pela pouca estima que o público inteligente de Campinas preste às questões de arte. Poucos são mais dedicados à arte; nenhum, como ele, exigente. E, nessa exigência, se deve ir buscar a origem, a razão suficiente, precípua, do abandono em que, por vezes, o nosso povo deixa esta ou aquela empresa teatral. Assim é que o público, ou repleta o teatro quando são boas as companhias de variedades que por aqui aparecem, ou para assistir as revistas tão ao gosto de nosso paladar apimentado. Às companhias dramáticas ou líricas, ele pouca ou nenhuma atenção presta. Também, benza-as Deus! As que nos dão a honra de uma visita, são quase imprestáveis ou pouco menos. Compreende-se, pois, nesses casos, a frieza do público, como se compreende bem o seu entusiasmo, quase delirante, para com empresas de primeira ordem, como a Ferrari. Deem-nos um bom teatro capaz de comportar encenações regulares, e com lotação suficiente aos gastos das boas companhias, e vereis como o teatro será procurado pelo povo, ora como distração,



ora como meio de educação popular dos costumes. (Diário de Campinas, 12 de outubro de 1898).

Percebe-se que as grandes insuficiências do teatro resumiam-se, por um lado, em sua pequena capacidade de lotação – o que, além de não oferecer conforto ao público, tampouco fazia-se em número suficiente para cumprir as expectativas de lucro das maiores companhias artísticas, e era o que levava, não raro, ao encarecimento do preço das localidades. O outro aspecto referia-se às restrições espaciais de seu palco, que não comportava a grande *mise-en-scène* e os coros das trupes líricas.

As limitações físicas do São Carlos podem ser apontadas, portanto, como o primeiro e mais importante fator determinante para o decrescimento de sua aprovação pela sociedade local, uma vez que operavam negativamente nos níveis de qualidade dos espetáculos. Um segundo ponto a ser considerado relaciona-se também a dificuldades financeiras enfrentadas pela associação teatral. Nos primeiros anos do século XX, por exemplo, o número de ocupações do espaço por trupes artísticas foram exíguos. Segundo seus relatórios anuaisⁱ, o teatro havia sido ocupado somente 18 noites em 1904, e em 1905, 46 vezes. No ano de 1906, o número de ocupações foi de 30 noites. Nos mesmos relatórios, a fase crítica justificava-se pela recessão econômica que por ora se enfrentava, e na qual os círculos culturais eram facilmente atingidos.



Fig.1: O Teatro São Carlos em 1914 Fonte: Acervo do Correio Popular

Mudanças no cenário do entretenimento urbano do novo século também contribuíram para a confirmação da descentralização e parcial esvaziamento do velho teatro. A popularização das sessões cinematográficas, cuja demanda de custos era menor e os bilhetes mais acessíveis, levou numeroso público às salas de cinema. Inicialmente, mesmo o Teatro São Carlos adaptava-se para tais exibições, tendo como único concorrente o Teatro Rink, de feições mais populares. Este, por sua vez, possuindo uma bem-sucedida trajetória de ascensão, obteve crescente destaque frente ao tradicional teatro, oferecendo à numerosa assistência variadas opções de programas, tais como filmes, operetas, revistas e atrações do teatro de variedades.

A partir de 1909, ao abrirem-se à população espaços destinados exclusivamente à projeção de filmes, consagrou-se o cinema como lugar de destaque na cena cultural de então. Formavam-se entre as práticas culturais urbanas, de fato, novos contextos nos quais combinavam-se atrações visuais e musicais, providas por sempre numerosas e novas películas acompanhadas por bem conduzidas orquestras. O Casino Carlos Gomes, aberto em 1910, inaugurou ainda novo modelo de espaço de divertimento, reunindo a música ligeira, com a presença de artistas cantantes, pequenas peças dramático-musicais e exibições de filmes.

É certo, por outro lado, admitir um sensível traço de adaptação do Teatro em meio às movimentações e transições dos gêneros de entretenimento público que alcançavam os hábitos urbanos campineiros. Ao lado de um razoável número de companhias de operetas que ocuparam o São Carlos durante sua última década de funcionamento, houve considerável atividade do ramo cinematográfico em seu recinto. Ao que parece, o espaço fazia-se satisfatório para uma sala de cinema:

"Não é um serviço completo para o povo dar-lhe um teatro em troca de outro. Este não se presta mais para acompanhar o grau de adiantamento da cidade, como o seu melhor palco; mas serve para pequenos conjuntos, para cinemas ao menos, e é – seja bom ou mau – mais um ponto de divertimento." (A Onda. n.4, junho/1922. p.1)

Como aqui se nota, no início da década de 1920, fortalecendo-se a ideia de um novo e maior teatro e sendo levados à frente projetos de lei para a construção do que viria a ser o Teatro Municipalⁱⁱ, a Associação Teatral Campineira teve suas ações compradas, e o antigo teatro, subsistindo até aos meses finais de 1922, foi demolido.

É necessário considerar, por outro lado, a influência do contexto ideológico no qual inscreveu-se a história desse teatro. Sua longa permanência fez frente a discordantes discursos, nos quais as pretensões de evolução intelectual e cultural sobressaíam-se advindos

de um dominante ideário progressista. Almejado como símbolo desse imaginário, a não concretização em seus espaços de uma vida cultural de mais altos níveis passou a constituí-lo como um não-símbolo, ou uma falha na representação do progresso da cidade.

Tendo ao fundo um desfavorável cenário composto por tal tom discursivo, o avanço populacional característico do crescimento das cidades no período da transição dos séculos, aliado às variações nas práticas de divertimento social, para as quais houve considerável especulação empresarial, contribuíram para reforçar, de certa forma, a fragilidade do antigo teatro, cuja centralidade na vida cultural campineira tornou-se cada vez mais questionável.

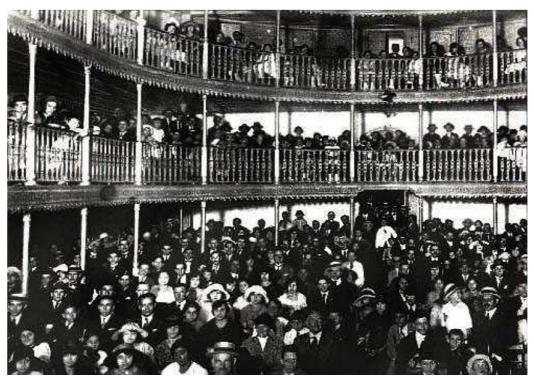


Fig.2: Sessão cinematográfica em 1922 mostra o interior do teatro pouco tempo antes de seu fechamento definitivo.

Fonte: Acervo do Correio Popular

O Teatro São Carlos, por sua vez, deve ser tido como uma construção simbólica da sociedade que o tornou alvo de suas idealizações de civilidade e adiantamento. Malgrado as limitações de sua estrutura tenham-se feito incongruentes às aspirações de elevação artística do público campineiro, sua existência deve ser observada em perspectiva junto ao universo circundante, em que características culturais e socioeconômicas arranjaram-se e contribuíram para a formação de sua imagem e para a atribuição de seus sentidos junto ao sistema de ideias dominante, manifesto nos discursos.



Nesse sentido, tal processo de definição de um objeto pela linguagem que lhe atribui significados pode ser resumido pelas considerações de Machado Neto:

"(...) a condição do dizer é determinada pelo fator de substituição, ou seja, quando o real é codificado, e subordinado, por ícones que criam uma subjetividade de complexa determinação, nascidos e vividos nas práticas de convívio sociais, e na relação retroativa das macro com as micro estruturas de formação de sentido dentro das relações humanas. Em outras palavras, esta determinação de significação remete à condição cultural, entendendo como cultura a rede das práticas discretas da vivência e suas cadeias de formação de entendimento do mundo." (2013: 20)

Ao fim, de forma positiva, faz-se necessário relevar o importante papel desempenhado pelo primeiro teatro junto à formação cultural da sociedade na qual se inseria. Erguendo-se como espaço artístico na cidade que buscava suas faces modernas, trouxe a esta uma representatividade cultural de destaque, inscrevendo-a no contexto maior das movimentações artísticas reservadas aos centros urbanos mais desenvolvidos.

Para além de suas condições materiais, o Teatro São Carlos constituiu-se como espaço de sociabilidade e de cultura musical de longa permanência, e como fator fundamental na geração de conhecimentos e de posicionamentos críticos relativos à arte, sob os quais educou-se seu público. Ao menos, junto às críticas alusões que persistentemente permearam sua história, devem também essas contribuições permanecer em sua memória.

Referências:

Anônimo. Novo Teatro. Diário de Campinas, Campinas, p.1, 12 out. 1898.

CARUSO, Victor. O Teatro Municipal. A Onda. Campinas, n.4, p.1, 1922.

LAPA, José Roberto do Amaral. *A cidade:* os cantos e os antros. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.

MACHADO NETO, Diósnio. O olhar do espelho: representações do universo musical em um Brasil colonizado. In: II Congresso Brasileiro de Iconografia Musical, 2013, Salvador. *Anais do II Congresso Brasileiro de Iconografia Musical*, 2013. pp. 19-43.

NOGUEIRA, Lenita W. Mendes. *Música em Campinas nos últimos anos do Império*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

Notas:

ⁱ Os relatórios ou descrições foram publicados no jornal Cidade de Campinas respectivamente em 15.05.1906, 29.03.1907 e 20.03.1908.

ⁱⁱ O Teatro Municipal de Campinas, tardiamente nomeado Carlos Gomes, foi inaugurado em 1930 e localizava-se no mesmo local do Teatro São Carlos, no Largo Ruy Barbosa. Em 1965, foi demolido por problemas estruturais.